

Duas mortes por negligência

Mulher com crise respiratória e homem atropelado morrem sem receber atendimento

Alba Valéria Mendonça e
José Luiz de Pinho

A falta de médicos no plantão do fim de semana num hospital da rede estadual, o Albert Schweitzer, em Realengo, causou anteontem a morte de duas pessoas, vítimas da omissão de socorro e do caos na saúde pública no Rio. Neusa Ferreira de Oliveira, de 39 anos, teve uma parada cardíaca na entrada da emergência do Albert Schweitzer. Por falta de médicos ela morreu na calçada. Luiz Paulo da Silva Aguiar, de 52 anos, vítima de atropelamento, também não foi socorrido e acabou morrendo a caminho de outro hospital. Desde outubro a Secretaria estadual de Saúde sabia dos problemas e nem assim tomou providências rigorosas para punir os médicos faltosos.

Neusa sofreu parada cardíaca e morreu na porta do hospital depois de agonizar cerca de uma hora e meia, jogada na calçada em frente à emergência. O corpo da mulher foi recolhido e posto sobre uma maca por funcionários do hospital. Depois que já não havia mais nada a fazer para salvar a vida de Neusa, eles tentaram colocá-la numa ambulância do Corpo de Bombeiros e transferi-la para o Souza Aguiar, no Centro.

A outra vítima da falta de médicos no plantão do hospital foi Luiz Paulo, atropelado às 16h de domingo, em frente ao portão de casa, em Realengo. Ao encontrar a emergência do Albert Schweitzer trancada a cadeado, a família decidiu levá-lo para o Hospital Carlos Chagas, em Marechal Hermes, mas ele não resistiu aos ferimentos e morreu no meio do caminho, sem ter recebido qualquer tipo de socorro.

A cobradora de ônibus Elizete Araújo, que levou Neusa ao hospital, contou que a socorreu na Avenida Brasil, em Realengo. Ela estava sofrendo uma crise de insuficiência respiratória. Chegando lá, Elizete encontrou a emergência trancada. Desesperada, tentou fazer respiração boca a boca, mas de nada adiantou. Revoltada com o descaso dos funcionários do hospital, que queriam levar Neusa para o Souza Aguiar, no Centro, depois de morta, ela esbravejou:

— Fiz respiração boca a boca e ela estava viva quando chegamos aqui. Ela morreu por falta de atendimento. A saúde no Rio não existe. É uma vergonha, um caso de polícia.

Selma Montenegro só ficou sabendo da morte da prima na manhã de ontem, pelo rádio. Indignada, disse que a prima, com problemas cardíacos, andava sempre com um atestado médico da Santa Casa de Misericórdia (onde costumava se tratar). O atestado indicava que a paciente deveria ter prioridade em caso de atendimento médico de emergência.

— Ela já tinha necessitado de atendimento médico duas vezes e não teve problemas. Neusa fez um exame de catterismo há dois meses, mas estava passando bem. No domingo, esteve na minha casa para combinar como seria a

festa de seu 40º aniversário, dia 21. Ela saiu às 20h e foi para casa. Só hoje (ontem) fiquei sabendo de sua morte pelo rádio — contou a prima, que vai pedir uma indenização ao estado para o filho de Neusa, Tiago, de 13 anos.

Triste e sem saber o que fazer, Selma contou que há quase dois anos perdera o marido Elionir Borges, de 45 anos, também por descaso médico. Ele sentiu uma forte dor no peito num domingo de abril de 94 e foi até o Albert Schweitzer. Como os médicos estavam em greve e não o socorreram, ele decidiu voltar para casa. Sem conseguir marcar uma consulta médica, morreu três meses depois, vítima de um enfarte, sem saber que era cardíaco.

— Este é o segundo caso de descaso médico na família. Até quando a população ficará abandonada à própria sorte? — perguntou Selma.

Cenas assustadoras em Realengo

Outras cenas dramáticas foram presenciadas domingo, na porta do Albert Schweitzer. Um menino chegou com os testículos cortados no banco da bicicleta e também ficou sem atendimento, apesar de estar perdendo muito sangue. Revoltado, seu pai, um motorista de táxi, pegou um martelo no porta-malas do carro e ameaçou quebrar tudo.

— Se não tem médico, pelo menos me liberem a enfermaria que eu mesmo faço o curativo — implorou inutilmente o homem, desesperado com o estado da criança.

Somente a partir das 8h15m de ontem a emergência do Albert Schweitzer voltou a assistir as pessoas. Mesmo assim, em estado precário. Só os que estavam em

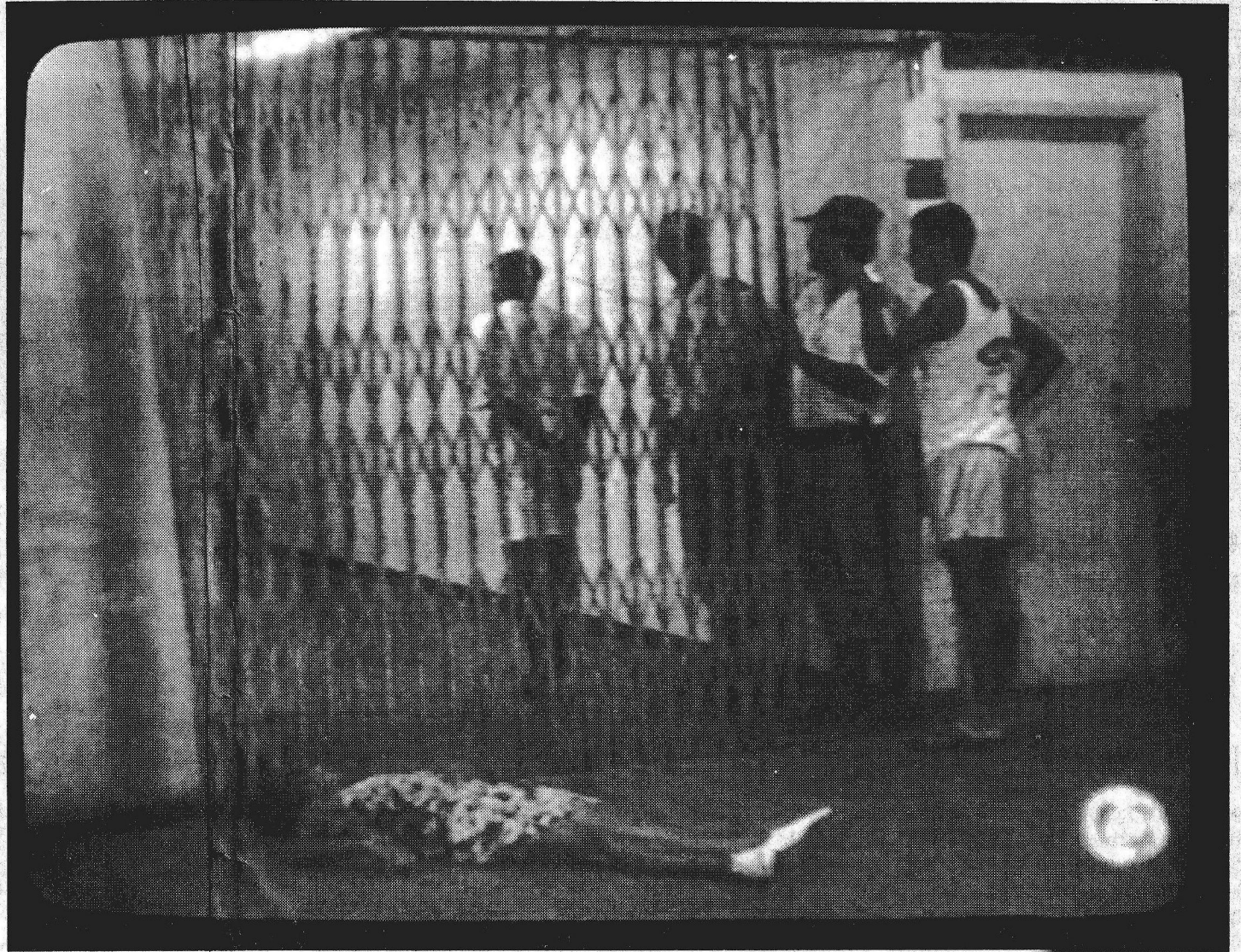
estado gravíssimo foram socorridos antes desse horário. Os demais tiveram de preencher um formulário e esperar mais de meia hora numa fila até serem atendidos. Como, segundo a paciente Rosângela Silva da Cunha, de 25 anos, só havia um pediatra e um clínico geral atendendo aos clientes, cada pessoa levava em média uma hora nas salas da emergência:

— O clínico perguntou onde sentia dores, me deu uma injeção e disse para eu procurar um ginecologista. Para tomar analgésicos não precisava procurar o hospital — disse Rosângela.

Com diarreia há quatro dias, Aloísio do Nascimento, de 56 anos, não conteve o choro de revolta. Ao abandonar a fila onde já aguardava o atendimento há mais de uma hora, viu entrar pela porta principal bandejas de salgadinhos e engradados de bebidas para a comemoração da posse da nova diretoria da Associação de Funcionários do Hospital Albert Schweitzer.

— Isto é um absurdo, uma afronta, um desrespeito com o cidadão que paga imposto. A gente sofrendo na fila para ter atendimento médico e os funcionários soltando fogos e fazendo festinha, no hospital — indignou-se o paciente, que informou que desde outubro os plantões de fim de semana estão sem médico.

Reprodução/Rede Globo



COM A porta da emergência do Albert Schweitzer fechada, o corpo de Neusa Ferreira de Oliveira permanece abandonado no chão



NEUSA FERREIRA: descaso e morte